Autoridade e Afeto:
A Conjugação de Velhos e Novos Papéis

ROQUE DE BARROS LARAIA

O livro de Myriam Lins de Barros* é mais um dos resultados de um projeto de pesquisa bastante fecundo: o estudo das famílias de camadas médias, idealizado e coordenado por Gilberto Velho, do Museu Nacional. Esse antropólogo tem orientado várias teses de doutorado cujos temas estão relacionados com os estudos das mudanças ocorridas na família urbana. Os resultados dessas investigações começaram a vir à luz com os trabalhos de Velho (1983) a respeito do tema da separação conjugal, continuaram com os de Dauster (1985) a respeito das mães solteiras; com os de Salem (1985, 1986) que abordam uma nova representação da gravidez e do parto, bem como o problema do prolongamento da adolescência; ainda com o trabalho, em curso, de Maria Cecilia Costa sobre adoções; e, finalmente, com este livro de Lins de Barros que nos possibilita o conhecimento da família da camada média através da perspectiva dos avós. O trabalho, apesar do discurso recorrente dos informantes, os avós, sobre a desagregação atual da família, demonstra mais uma vez a renovada vitalidade desta antiga instituição. Demonstra, também, a persistência de determinados padrões culturais, contrariando a visão impressionista dos que afirmam o contrário. E, finalmente, com referência ao segmento estudado, coloca em dúvida a afirmação tão comum de que "os pais educam e os avós deseducam".

É um texto agradável de ser lido, mesmo em sua forma original de tese de doutoramento em Antropologia Social. Gostaríamos, porém, de fazer alguns comentários. Teria sido bastante interessante se a autora tivesse explorado mais alguns aspectos teóricos da organização familiar. Por exemplo, os seus

*BARROS, Myriam Lins de. 1987. *Autoridade & Afeto. Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 152 pp.

Anuário Antropológico/87
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990

dados permitem uma rediscussão do conceito da família elementar de orientação, elaborado por Radcliffe-Brown. Como todos sabem, esse autor estabeleceu que a família elementar possui duas etapas de desenvolvimento: uma primeira em que o indivíduo pertence a uma unidade de orientação, que compartilha com os seus irmãos, e na qual a primeira geração ascendente tem a responsabilidade pela transmissão cultural; e uma segunda etapa na qual o indivíduo e seu cônjuge têm a própria unidade de reprodução, com a finalidade de transmitir aos membros da primeira geração descendente (os seus filhos) a informação cultural pertinente. Esta visão de família elementar já foi revista e ampliada por Claude Lévi-Strauss, quando procurou integrar dentro da mesma os laços da aliança, constituindo o que foi chamado o átomo do parentesco (1958). Os dados de Myriam Lins de Barros permitem uma ampliação maior e até uma nova interpretação das funções da família elementar, mesmo considerando que isto se aplica a um específico segmento da nossa sociedade. No caso em pauta, nota-se uma não-ruptura da unidade de orientação e o acréscimo de um novo nível geracional. Os pais, agora avós, continuam com a responsabilidade pela orientação dos filhos, mesmo após estes saírem de casa para casarem. Além disto, recebem uma nova missão, a da orientação dos netos. É bastante significativa e referência que a autora faz (:52) à nova postura dos avós, que se consideram mais como "pais de novos pais do que avós de seus netos".

É a postura acima que nos permite colocar uma questão: não estaria ela comprometendo a própria idéia de uma família elementar moderna, caracterizada pela sua atomização, corolário de uma ideologia fortemente neolocal? Esta questão faz sentido quando percebemos que os dados parecem nos indicar o ressurgimento de um tipo de família extensa, lembrando sempre que esta pode existir dispensando a rígida necessidade da coabitação e, mesmo, da contigüidade. A casa dos avós torna-se, então, o espaço privilegiado deste tipo de família extensa. É aí, por exemplo, como a autora mostra, na página 124, que se efetiva um *locus* para a integração dos primos, reforçando os laços de parentesco lateral. Pode-se imaginar, ainda, que esta associação de primos se faz através de níveis etários, desde que a capacidade reprodutora dos filhos dos avós estudados ainda não esteja encerrada.

Os informantes de Myriam Lins de Barros são avós, como ela própria diz, vigorosos, nascidos, em sua maioria, no final da década de 20 e início dos anos 30. São avós que contribuem financeiramente para o sustento dos filhos casados e para a educação dos netos, sendo dotados, por isto mesmo, de um poder maior de intervenção. Faz-nos pensar em como seriam as relações estudadas se a dependência financeira entre as gerações fosse invertida.

Autoridade e afeto

Na discussão das relações das avós com os elementos femininos da geração intermediária, a autora privilegia a relação da avó com a própria filha. Isto faz com que o trabalho seja muito parcimonioso na análise das relações de afinidade, embora estas estejam presentes (:54) na afirmação de que "o contato freqüente com genros e noras não desfaz a realidade sempre presente de que estas pessoas pertencem a sua família apenas por um acaso e por uma decisão, até certo ponto, alheia a sua vontade". Daí, pode-se perceber no texto um certo viés favorável em relação à avó, esquecendo que a imagem doce da vovó esconde, muitas vezes, a sogra que ela é. No livro, as avós só demonstram essa outra face quando os casamentos de seus filhos acabam, atribuindo sempre a culpa pelo desenlace aos genros e noras, os afins, como a autora demonstra na página 56.

Poderiam ser mais exploradas as relações de rivalidade e de competição entre os co-avós, isto é, as pessoas que têm netos em comum. Existem dados que possibilitam esta análise, como, por exemplo os contidos na página 63, quando uma informante busca explicar a possível diferença entre os netos, filhos de filhos e os netos, filhos de filhas. Há uma nítida valorização da relação entre mãe e filha, contrastando com as críticas que se faz ao comportamento em relação aos netos por parte da avó, mãe do genro. A informante chega mesmo a dizer que "a mãe é mais consciente das dificuldades da filha..."

Um ponto muito próximo ao que acabamos de comentar é o do favoritismo. Em vários momentos, a autora confirmou a existência da preferência por parte dos avós em relação a determinados netos. É interessante notar que este tipo de comportamento é inaceitável na relação entre pais e filhos. Persiste, porém, uma dúvida: é esta preferência aleatória ou beneficia, por exemplo, os netos, filhos das filhas? Se isto ocorre, faz sentido o velho ditado que diz: "*os filhos de minhas filhas meus netos são; os filhos de meus filhos meus netos serão?*"

Em um livro que tem muitos aspectos interessantes, realçados por uma competente análise antropológica, há uma parte que merece um destaque especial. Trata-se do 3º capítulo, no qual a autora constrói um modelo de avós. É uma construção a partir da visão de seus informantes. É neste modelo que surge, com bastante nitidez, o sentido da continuidade da família e a responsabilidade que os avós têm nesta tarefa. O modelo demonstra que, no ciclo de desenvolvimento da vida, existe um ponto crucial de passagem: é quando se dá a transformação de pais em avós, passagem esta que é fundamental para que uma pessoa comece a se transformar em um ancestral. É quando se re-

corre, com freqüência, ao modelo de seus próprios antepassados, valorizando-os para poder ser valorizado. Ocupando a extremidade genealógica superior, entre os vivos, os avós começam a perceber a importância da relação com a extremidade genealógica inferior, ocupada por seus netos. Tal percepção aumenta a perspectiva vertical da família e a importância do papel dos avós para a perpetuação social da mesma. No dizer de um dos informantes, é o momento em que "você começa a ver o fluxo, a fila humana, a seqüência humana, a carreira das pessoas humanas na sua frente e você começa a ter uma apreciação mais profunda". É bem evidente nos discursos coletados a consciência de que os avós se perpetuam nos netos e, neste sentido, de que o indivíduo é mortal, mas a família não é. Esta perpetuação, por outro lado, pode ser considerada como uma forma de driblar o processo inevitável da morte. Há, assim, uma linearidade temporal que contrasta com um ritmo que é cíclico, ritmo este muito bem expresso na afirmação de Margaret Mead (vide epígrafe do capítulo 3): "agora, plenamente investida da condição de vovó, eu rumo ao passado e me vejo criança com a minha avó".

O modelo de avós, portanto, é buscado no passado, apesar das mudanças culturais e sociais sofridas pela sociedade. Tal fato confirma a hipótese da autora a respeito da manutenção de determinados padrões culturais. Os avós não são espectadores passivos, mas agentes das reformulações sociais (:105). Liberados da responsabilidade formal pela educação dos netos, têm eles a capacidade de um maior discernimento das mudanças e, conseqüentemente, uma maior liberdade para se relacionarem com elas. A verdade deste fato é demonstrada pela maior confiança dos netos em relação aos avós, em detrimento dos pais. Um dos pontos fortes do livro é, exatamente, o caráter contraditório do discurso da irresponsabilidade pela educação. Os avós estão, ao contrário, cientes de suas responsabilidades e, por isto, sempre fazem as suas intervenções. Os informantes do sexo masculino não aceitam mesmo o discurso contraditório, porque são muito convincentes nos projetos em rlação aos netos.

No final de seu trabalho, a autora diz que cada segmento social faz uma leitura própria do valor familiar. O leitor está sempre tentado a repensar estes valores, enquanto lê este livro, objetivo e agradável, que conjuga as virtudes literárias da autora com a sua aptidão antropológica. No final, o leitor tem uma visão muito clara do papel dos avós em um segmento da sociedade moderna e muitos sentirão, pela primeira vez, a vontade de ser avô.

BIBLIOGRAFIA

DAUSTER, Tânia. 1985. *Mãe Solteira – Legitimidade e Discriminação.* Museu Nacional: Tese de Doutoramento.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1958. *Anthropologie Structurale.* Paris: Librairie Plon.

SALEM, Tânia. 1985. Família em Camadas Médias: Uma Revisão da Literatura Recente. *Boletim do Museu Nacional,* NS. Antropologia, nº 54.

————. 1986. "A Trajetória do Casal Grávido: de Sua Constituição à Revisão de Seu Projeto". In *Cultura da Psicanálise* (S. A. Figueira, org.). São Paulo: Brasiliense: 35-61.

VELHO, Gilberto. 1983. Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: Separação e Amizade em Camadas Médias Urbanas. *Boletim do Museu Nacional,* N. S. Antropologia, nº 39.